

**Resistências secretas:  
a alteridade dos sujeitos a partir de Autran Dourado**

**Luiz Eduardo Ludvig Alencastro**  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Brasil**  
**Edgar César Nolasco**  
**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Brasil**

*Introdução*

Olha ela, disse Fernanda, a menorzinha, para suas irmãs, apontando a prima que chegava da fazenda Fundão.

E viram como prima Biela, para alcançar o trote da besta Gaúcha, batia desajeitada e deselegante o chicote nas ancas do cavalo malhado. Não disseram nada, olharam apenas meio desiludidas a figura miúda e socada que vinha encilhada no cavalo de pampa, debaixo de uma sombrinha vermelha desbotada.

(Dourado, *Uma vida em segredo*, 23)

*Uma vida em segredo* (1964) passou por um processo de produção concomitante à outra obra de Autran, *Poética de romance: matéria de carpintaria* (1973), que discorria sobre a necessidade pessoal do literato em escrever criticamente sobre o ofício de escritor. Desdobrando-se nesse cenário, em um sonho, Autran se encontra com prima Rita, uma de seus familiares antigas, e escuta atentamente às suas palavras que contam a história de Gabriela da Conceição Fernandes ou “Biela para os de casa” (Senra, 1983, 29), descrita no excerto acima com desdém pelos seus primos da cidade. A partir dessa epifania e influência de sua produção prévia, tem-se a construção de *Uma vida em segredo*, livro que apresenta um cenário de dificuldades para Biela que imigra abruptamente de Fundão (fazenda de sua família) para a cidade, tendo a urgência de se adaptar para não ser rechaçada dentro de seu novo espaço de convivência. Dessa maneira, a obra do mineiro participa de um projeto que sintetiza, ao

mesmo tempo que abre horizontes, a vida solitária e marcada pela resistência contínua do corpo subalterno, aqui performado por Biela.

Analogamente, o literato possui um histórico atravessado pelo lugar de onde ele escreve e por sua vida, o qual preconiza, fundamenta e explicita que as escolhas temáticas se interligam em essência com a figura de Autran Dourado enquanto autor de *Uma vida em segredo*. Dourado “se notabiliza pelo mecanismo enunciativo do que pela preocupação com o enredo” (Sousa, 1996, 14), além disso, destacam-se seus traços de oralidade, configurando, por conseguinte, um labor linguístico que extrai perspectivas e cosmovisões densas de situações quotidianas e personagens primeiramente apresentadas como apáticas. Tendo em vista a preocupação autraniana quanto à forma e sua expressividade em tramas inicialmente simples, percebemos que todas essas características, quando postas no desenvolvimento da história, culminam na caracterização de suas personagens enquanto seres complexos que permitem pensar a maneira como nos relacionamos com o mundo.

Paralelamente a Autran, que valoriza o local a partir de onde escreve em suas obras nas formas de seu texto, valho-me do delineamento epistemológico da crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015) para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Penso *a partir da fronteira* (Brasil/Paraguai/Bolívia)<sup>1</sup>, aqui conceituada como local distante dos grandes centros hegemônicos e com características que perpassam minha vida (*bios*) alçada na fronteira (*locus*). Dessa forma, vem à tona a rubrica da crítica biográfica fronteiriça, o *biológus* (Nolasco, 2015, 59), o amálgama entre o que vivo e o lugar onde vivo, na leitura que proponho aqui, nesse recorte e no desenvolvimento integral de meu projeto de pesquisa.

Desprendo-me da cultura moderna, ao mesmo tempo que sinto a influência que esta teve no meu desenvolvimento, para que, dessa forma, eu revisitasse minhas sensibilida-

---

<sup>1</sup>Pensamos a fronteira não somente como um local geográfico, demarcado por linhas em mapas, as quais nos fazem pensar em separações categoricamente duais. Fundamentamos nossa visão de fronteira como locais que ultrapassam divisões cartograficamente políticas, ela desempenha papéis que marcam a maneira como vivemos/sentimos o mundo e, perpassados por tais sensibilidades, balizam nossa produção epistemológica. Portanto, abarcar a fronteira em nossa discussão é condição *sine qua non* para estabelecer uma contrapartida à maneira de pensar individualizada e sistematizada moderna.

des, há muito desconsideradas pela modernidade, enquanto sujeito fronteiriço. Essa retomada é perceptível em Biela, sempre vista de maneira desiludida, entretanto acolhida por sua família, feliz ou infelizmente. A modernidade me usurpou a subjetividade seletivamente, tomou-a quando conveniente e me colocou às margens da sociedade, valendo-se de saberes que também eram meus. Assim, o que estudo também é parte do estudioso, denotando a influência que o meu *biólócus* exerce e como já não pode mais ser ignorado.

Destarte, podemos ver as potencialidades que as obras de Autran Dourado possuem para se criar discussões teóricas. Dessa forma, a hipótese principal deste artigo é a articulação do desenvolvimento da personagem Biela a partir do conceito de *anthropos* (Mignolo, 2017). Os objetivos se estabelecem por uma busca em conceituar, a partir da desobediência epistêmica (Mignolo, 2010), o *anthropos* e a epistemologia desobediente de Biela como matriz de um viver embasado na dualidade de desempenhos sociais e marcado pela ressignificação de sua existência no lugar onde habita. Espera-se, então, como resultados uma colaboração para a leitura descolonial de produções literárias brasileiras feitas por autores que não são estudados frequentemente, como se concretiza no caso de Autran Dourado, além disso, uma melhor compreensão de personagens imigrantes a partir da perspectiva de Dourado.

### *O anthropos escondido em Uma vida em segredo*

Biela vê-se entre dois mundos e, posta no limiar, não hesita: prefere o seu. Há nessa criatura que envelhece rapidamente, virgem muito cedo fanada, uma vocação à paz, à tranquilidade, uma identificação profunda com as pessoas e os bichos escorraçados no mundo. E veja-se que não é uma opção falsa, ditada por circunstâncias desfavoráveis, mas uma escolha consciente. (Pólvora, *O segredo de prima Biela*, 10)

De início, a epígrafe presente na obra basilar deste texto nos ajuda a movimentar discussões inaugurais no que tange a uma leitura descolonial de Biela. Nesse contexto, Hélio Pólvora, autor da epígrafe, afirma categoricamente que a protagonista opta por seu próprio mundo, uma vez que fora colocada de súbito em um ambiente, ou melhor, mundo que não a recepcionava bem. É cara à nossa reflexão o comentário de Pólvora, pois evoca à resistência e acima de tudo ao conceito de *anthropos* (Mignolo, 2017), exemplificando a indissociabilidade entre formas de pensar e o sujeito que pensa. Após a precedente hipótese de uma possível relação entre a personagem principal e os conceitos do autor argentino, cabe nesse momento explicitar o *anthropos*, colocá-lo em cena, fazê-lo entendível nas proposições aqui feitas.

Nesse mote, a primeira ponderação recai sobre a sociedade moderna ocidental e seu atravessamento nos discursos contemporâneos. Evidenciar o período colonial é indispensável, dado que tecemos esse texto dos trópicos e o que nos tange é um passado marcado pela hegemonia do colonialismo e posteriormente pela estrutura colonial<sup>2</sup>. Sendo assim, o colonialismo acaba enquanto dominação política e territorial, não tocando presencialmente a nossa realidade atual, entretanto, “a estrutura colonial de poder produziu as discriminações sociais que posteriormente foram codificadas como ‘raciais’, ‘étnicas’, ‘antropológicas’ ou ‘nacionais’” (Quijano, 1992, 1). Manifesta-se, então, que a posterioridade do colonialismo se remodela em um aparato colonial, a qual é tingida de estigmas sociais que visam classificar os corpos dissidentes de sua lógica universalizante.

Ainda que se saliente o processo de estigmatização produzido após a “autoridade” das metrópoles, não é plausível afirmar que o controle se daria somente em um espectro. A

---

<sup>2</sup>A estrutura colonial não se trata tão somente de uma nova estratégia de dominação territorial e política herdada do colonialismo. Subsidiamos nosso pensamento no artigo de Quijano intitulado *Colonialidade e Modernidade/Racionalidade*, assim, sustentamos esse conceito enquanto um imbricamento entre Europa e o resto do globo, no que tange à maneira de pensar o mundo remodeladas do colonialismo e que, conseqüentemente, funda qualquer produção epistemológica moderna. Haja visto a inserção indissociável da estrutura colonial na concepção de novos conhecimentos/pensares, criticá-la, partindo do espaço-tempo dessa produção científica, se faz indispensável para o desmonte da narrativa moderna e construção da leitura de *Uma vida em segredo*, mais precisamente de Biela.

criação de divisões entre os dominantes e dominados não se sustenta como técnica de domínio pontual e única, visto que a cosmovisão eurocêntrica se instala multifacetada e expansivamente na sociedade. Sob essa óptica, as relações de poder se viabilizam de maneira mais profunda, ultrapassando o senso comum e se articulando pertinentemente para a manutenção da estrutura colonial.

O que se constrói após o colonialismo, a partir de Quijano, reincide também sobre corpos, suas categorizações e distinções estipuladas, como resultados da supremacia colonial. Entretanto, os métodos de soberania implantados sobre as minorias ultrapassam o que já foi citado, manifestam-se na dominação do imaginário, reconfigurando a perspectiva dos dominados acerca de si. A consideração anterior justifica a insistência das separações tidas como raciais, étnicas, antropológicas ou nacionais na atualidade, inclusive, as quais incidem nos nossos corpos e tangem a produção dessa argumentação. Em vista disso, o fracionamento das características como modalizadoras do pertencimento no sistema social é retroalimentada por todos.

Dessa forma, uma vez que se compreende o controle em sua natureza imaginária, a materialidade dos construtos de raça, gênero, além dos demais, entra em questionamento, já que o ângulo basilar para sustentá-los se dá no espaço contaminado pelo passado colonial e suas remodulações na contemporaneidade, enquanto formas de pensar. Tais questionamentos são corroborados por Mignolo, suscitando o *anthropos* por essa visada:

Como funcionam? Suponhamos que pertence à categoria de *anthropos*, ou seja, o que na maioria dos debates contemporâneas sobre a alteridade corresponde a categoria de “outro”. O “outro”, entretanto, não existe ontologicamente. É uma invenção discursiva. Quem inventou o “outro” senão o “mesmo” no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que a inventa. O enunciado necessita um (agente) enunciator e

uma instituição (não é qualquer um que pode inventar o *anthropos*); mas para impor o *anthropos* como “o outro” no imaginário coletivo é necessário estar em posição de gerenciar o discurso (verbal ou visual) pelo qual se nomeia e se descreve uma entidade (o *anthropos* ou “o outro”), e conseguir fazer crer que esta existe. (Mignolo, 2017, 18)

Nota-se a construção de um discurso articulado no irreal, no sentido de não constituir parte da realidade, pensada como uma “invenção”, nas palavras de Mignolo. Depreendemos, então, que a construção do *anthropos*, o sujeito passivo das discriminações sociais explicitadas por Quijano, é construído discursivamente, não convocando o ontológico, em razão da proposição central das novas formas de autoridade colonial, as quais se focalizam no imaginário, cabendo ao *anthropos* encontrar-se nessa dualística relação de poder fundamentada por duas narrativas. Assim, o veículo que torna o “outro” em sinônimo de *anthropos* é a grande capacidade de dispersão e assimilação da visão de mundo eurocêntrica.

O caminho aqui traçado permite pensar Biela com mais complexidade. Para tanto, retornamos à epígrafe, na qual Biela privilegia seu mundo ao do contexto citadino em que se insere e se identifica com as pessoas e animais escorraçados do novo lugar que teria de chamar de lar. Percebemos, logo, que elege sua sensibilidade de mundo, vai contra o jugo colonial que se instaura no imaginário coletivo, logo desobedece à hegemonia, pondo em primeiro plano as sensibilidades de uma mulher imigrante, vinda de Fundão. Biela tende a ser contrária à visão centrada na Europa e suas práticas culturais oferecida por sua família, assim, caracterizamos as ações da personagem como escapes da imaterialidade discursiva do “mesmo” e reafirmações de seu caráter *anthropos*.

### *Biela, epistemologicamente desobediente*

Viu então claramente o que precisava fazer.  
Foi até a canastra; abriu-a. Tirou lá do fundo o vestido que usava quando chegou montada no pampa seguindo primo Conrado. Devagar, ela se vestia. Pronta, se mirou de novo no espelho. Um brando sorriso lhe brincou no rosto. Desfez o coque, ajeitou-o, novamente, mais baixo, como sempre gostava de usar. Limpou o sujo das lágrimas. Agora sim.  
Agora sim, prima Biela ia começar tudo de novo, desde o príncipezinho. (Dourado, 1964, 80)

Compõe-se, até o momento, uma indissolubilidade entre a *performance* de Biela em suas escolhas quando se depara com uma nova narrativa e as teorias descoloniais, enquadrando-a como um sujeito *anthropos*. Entretanto, ainda que já se tenha apreendido Biela enquanto uma exemplificação do “Outro”, falta-nos entendê-la a partir da desobediência epistêmica, outro conceito-chave para o que se propõe neste artigo. Nesse ínterim, é importante afirmar que para escolher a opção descolonial, faz-se necessário desaprender, sendo assim, a citação de Mignolo, em seu artigo “*Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade política*”, nos dá oportunidade de melhor conceituar o desaprender, “Conseqüentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, *aprender a desaprender* [...], já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial”.

A partir da leitura em Mignolo, podemos apreender que o que se nomeia por “razão imperial/colonial” fundamentou toda a sociedade ocidental moderna, reconfigurando nossos cérebros, melhor dizendo, nossos imaginários. Tal reflexão movimenta uma crítica sobre a modernidade e leva inicialmente à construção do conceito de desobediência epistêmica, a qual se fundamenta na necessidade de desaprender, isto é, afastar-se das lógicas modernas, para, então, poder criar uma consciência mais ampla dos processos de do-

minação, levando-nos a perceber nossa posição dentro dessa elaborada rede de elos de poder.

Configura-se, conseqüentemente, que desobedecer epistemicamente envolve um abandono ativo do conhecimento moderno, este tido como bem consolidado e validado. Apesar disso, não seria estranho imaginar que o termo “desobediência epistêmica” pode ser interpretado como uma ruptura abrupta com a modernidade e, por conseguinte, uma estadia numa espécie de lugar-nenhum epistemológico. No entanto, tal dúvida se estabelece, pois o sujeito e suas sensibilidades se ausentam como elementos essenciais para a produção de um novo conhecimento, o que Mignolo denomina epistemologia fronteira e assim a define:

[...] o pensamento fronteiro é a singularidade epistêmica de qualquer projeto decolonial. Por quê? Porque a epistemologia fronteira é a epistemologia do *anthropos* que não quer se submeter à *humanitas*, ainda que ao mesmo tempo não possa evitá-la. A descolonialidade e o pensamento/sensibilidade/fazer fronteiros estão estritamente interconectados (Mignolo, 2017, 17)

Nesse sentido, entende-se que o que se pretende com desobedecer epistemologicamente não é permanecer num lugar incerto do campo epistemológico, senão trazer à tona as sensibilidades de cada sujeito e inseri-las, conjuntamente com o próprio sujeito, enquanto princípios norteadores da produção de conhecimento dos sujeitos tidos como fronteiros, ou em outros termos, *anthropos*. Voltemo-nos à epígrafe, na qual a personagem exerce a sua sensibilidade ao reconhecer-se como *anthropos*, apropriando-se de sua respectiva epistemologia e, por intermédio dessa retomada, adquirindo consciência de sua condição fronteira e buscando voltar ao início de sua narrativa, dessa vez levando em consideração as sensibilidades de Biela, mulher rural, exterior ao contexto urbano hegemônico e acima de tudo, sujeita às ideias de onde se encontra.

Pode-se assimilar as duas perspectivas de Mignolo como elementos que auxiliam na construção de uma ponderação da desobediência epistêmica. Ademais, uma vez que se discute Biela partindo de um viés descolonial, faz-se indispensável entender que *anthropos* não representa singularmente essa personagem, senão uma caracterização que nos permite ir mais além, repensar como ela está inserida no espaço onde se desenvolve a narrativa moderna e complexificar a nossa discussão. Desobedecer epistemologicamente, a partir do caminho que aqui se tece, é uma atitude desempenhada e construída paulatinamente em *Uma vida em segredo* (1964) por Biela, pelo *anthropos* que desempenha e também se faz presente nessa produção, pois partimos do nosso *biolocus*, de nossas sensibilidades. Exercitamos esse *biolocus*, o que nos perpassa enquanto sujeitos, devido ao lugar em que nos inserimos, culmina em repensar a estrutura de poder que nos circunda, pôr a prova como se articula as nossas subjetividades, análogo à Biela que também o faz quando abandona o que lhe vinha sendo imposto e se reconhece como mulher imigrante, rural e vinda do Fundão.

### *Biela, o outro de outra perspectiva*

Depois que o noivo se foi para longes sertões, algumas mudanças começaram a se processar em prima Biela (Dourado, *Uma vida em segredo*, 74)

Indiscutivelmente, a partir do que já foi exposto, podemos constatar que a estrutura colonial baliza todas as atividades modernas. Nisso, compete à crítica aqui abordada e indissociavelmente imbricada com a apresentação da vida de Biela, personagem atravessada pelo discurso hegemônico. Buscamos, então, lê-lo a partir do texto literário. Tomamo-lo, contrariamente à epistemologia moderna, considerando suas emoções e brechas que nos auxiliam a perceber o mundo por outras ópticas, as quais compreendem também as sensibilidades de mundo das vidas fronteiriças (Brasil/Paraguai/Bolívia), *biolocus* dessa produção.

Por consequência, a leitura de *Uma vida em segredo*, quando feita do nosso *locus*, carrega em si a subjetividade há muito deslegitimada pela estrutura colonial. Nesse mote, faz-

se necessário apreender que a subjetividade não é una, mescla-se com ambos os lados da ficção imposta pela posterioridade do colonialismo, paulatinamente se ergue no “mesmo” e domina o “outro”, ressaltando a soberania dos detentores do discurso sobre os sujeitos subjugados por tal narrativa. A epígrafe nos ajuda a subsidiar reflexões acerca da *performance* que a cultura moderna, no texto, exemplificada pela família de Biela. A protagonista passa, portanto, por sua experiência falha de casamento, sendo rechaçada por Modesto, filho de um latifundiário da cidade e por conseguinte, Biela empreende mudanças quanto a sua conduta no espaço que a cercava.

O trecho atravessa nossas discussões no que tange a um processo constante de desmonte da narrativa moderna. Ao partir do texto literário, notamos que a falha no endossamento dos símbolos pertencentes à estrutura colonial, como o casamento e seus impactos na vida feminina, acarreta uma percepção mais ampla de nossa inserção na lógica moderna, ou seja, desobedecer à epistemologia hegemônica, ao que se estabelece como condição *sine qua non* para o mito da felicidade e prosperidade capitalista, para, então tomar consciência de sua condição fronteiriça. Dourado, ainda que despreziosamente, nos faz ponderar sobre a perspicácia do modo de pensar balizado pela modernidade, uma vez que Biela, aquela que sempre optava pelo seu mundo, começa a se enxergar no enredo citadino, caracterizando uma mistura entre os valores de Fundão, claramente subvalorizados, com as intenções da cidade.

Nessa mesma esteira, as reflexões até aqui feitas se vertem para uma conceituação do processo de alterização existente no sujeito fronteiriço, afastado dos grandes centros de produção epistemológica. Extrapolemos o exemplo de Biela e nos foquemos no fluxo desigual para o estabelecimento da alterização, conceito guardado no seio das teorias eurocêntricas. A partir da lógica moderna, Guimarães postula que na produção autraniana a alteridade “pressuporia uma relação distinta entre as subjetividades, em que o sujeito devora a alteridade e, a um só tempo, se dá de comer a ela, promovendo uma alterização constante.” (Guimarães, 336). Desse modo, temos uma relação equitativa entre as facetas do discurso,

na qual ambos se atravessam, acoplando-se mutuamente, portanto, há um pouco do “outro” no mesmo e um pouco do “mesmo” no outro. Entretanto, na produção mineira, somente Biela tenta se ligar à epistemologia da cidade, o contrário é inválido, apesar da alteridade se constituir no processo de escrita dos romances do literato mineiro.

Movimentamos reflexões sobre a suposta alteridade construída modernamente. Os sujeitos de fronteira são impelidos a passarem pela via de alterização em direção à modernidade, em contrapartida, a constante busca pela adequação aos centros culmina no esvaziamento da subjetividade fronteira e no reforço das classificações delimitadas pela estrutura colonial, logo o percurso em direção aos centros nos encaminha, na verdade, para as bordas. O *anthropos*, criação discursiva colonial, se edifica por tal empuxo, é subjugado não somente no espectro qualitativo, senão também em sua *performance* na sociedade, buscando aproximar-se ao máximo do corpo que habita as centralidades.

Prima Biela, no quarto capítulo, empreende forças para desmistificar sua experiência na cidade, foge das vontades dos primos e toma para si os valores de Fundão como condições indispensáveis para que habitasse naquele espaço. Sem qualquer hesitação, contrapomos o exemplo de Biela e o fenômeno falacioso da alterização, para chegar a um detalhamento do *anthropos* presente em *Uma vida em segredo*, uma vez que se entende o ato de Biela lançar mão de sua identidade enquanto mulher rural e imigrante para desmontar, por intermédio de sua *performance* social, o discurso moderno que a rodeia.

A partir de tudo que atingimos, expomos a resignificação subjetiva enquanto consequência advinda da estrutura colonial. À vista disso, já que o sujeito está condenado às fronteiras, assim como Biela estava condenada a ser sempre a garota da roceira, o corpo fronteira compreende seu papel dentro do jogo social do qual não pode fugir. A ressubjetivação passa a ser característica substancial do *anthropos*. Não resta nada além de aceitar a sua condição fronteira, reconstruir a sua própria subjetividade, outrora balizada pelas discriminações modernas, e resistir ao sistema da maneira como a posterioridade colonial o taxou.

A trajetória de nossa discussão engloba processos secretos de resistência das sensibilidades de fronteira. Entende-se, diante disso, que a pertinente ficção colonial tende a ser desmontada nas bordas pela inevitabilidade dos sujeitos, que aí habitam, de se ressignificar, de modo a evidenciar a falaciosidade do discurso veiculado pela alteridade, já que o domínio da estrutura colonial não pode ser repartido entre dominantes e dominados. Por fim, ressaltamos a desobediência epistêmica em condição de efeito advindo da ressubjetivação e, portanto, caminho viável para assumir a fragmentação da óptica presente na estrutura colonial.

### *Considerações finais*

Embora Biela seja uma personagem construída na relação de adaptação dentro do contexto urbano, notamos que a protagonista de *Uma vida em segredo* pode ser conceituada a partir de conceitos descoloniais, a fim de estabelecer uma reflexão sobre o passado colonial que nos tange enquanto articuladores dessa proposta. A partir desse contexto, depreendemos que Biela, uma vez que foi forjada no texto literário pela visão dos personagens citadinos, vemos que o discurso autraniano enquadra Biela na subalternidade, ignora suas sensibilidades de mundo atravessadas pela vida em Fundão. Ao se tanger esse ponto, argumentamos que Biela se assemelha ao sujeito *anthropos*, ideia preconizada por Mignolo, dado que temos um corpo fronteiriço interpretado exclusivamente dos centros modernos e resiste às tentativas de submissão que lhe são dirigidas. A desobediência epistêmica, imersa na consciência no corpo *anthropos*, desempenha um papel fundamental na vivência de Biela na obra literária, a qual se assemelha ao nosso *bios* de fronteira. Nesse sentido, concluímos que a consciência do *anthropos* e a desobediência epistêmica se moldam enquanto mecanismos para que Gabriela da Conceição Fernandes resista contra o discurso moderno e evidencie a disputa desigual de subjetividades intrinsecamente atrelada à ideia de alteridade.

### *Referências*

- Dourado, Autran. *Uma vida em segredo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Impreso
- Guimarães, Jonatas. “Uma amizade literária: Silviano Santiago e Autran Dourado”. *Silviano Santiago: Grafias-de-vida*. (2023): 333-354. Impresa
- Nolasco, Edgar César. “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)”. *Cadernos de estudos culturais: Brasil/Paraguai/Bolívia*. Campo Grande v. 7, n. 14 (2015): 47-63.
- Quijano, Aníbal. “Colonialidad y Modernidad/racionalidad”. *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones. Ciudad de Guatemala: FLACSO (1992): 437-449.
- Senra, Angela. *Literatura Comentada - Autran Dourado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1983. Impreso
- Mignolo, Walter. “Desobediência epistêmica.” *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34 (2008): 287-324.